

## ARTIGO

# Respostas parciais no português brasileiro: inferências lógicas e contextuais

## Partial answers in Brazilian Portuguese: logic and contextual inferences

Fernanda Rosa Silva 

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil  
E-mail: fernandarosa2006@yahoo.com.br

**RESUMO:** A presente pesquisa tem como objetivo principal investigar os fenômenos semânticos e pragmáticos que envolvem diálogos do português brasileiro (PB), cuja pergunta seja do tipo sim/não, e a resposta seja uma resposta parcial, em que o falante traz menos informações do que o solicitado pela pergunta. A pesquisa buscou fazer uma investigação teórica, a partir de diálogos criados pela autora, para identificar os fenômenos semânticos e pragmáticos envolvidos, como: acarretamento, pressuposição ou implicatura. A partir desse levantamento, pôde-se observar que a resposta parcial envolve um tipo específico de implicatura: conversacional generalizada (GRICE, 1975). Além disso, é possível afirmar que as respostas estabelecem uma relação de escala (HORN, 1972, 2004), em que respostas completas apresentam um conjunto de alternativas mais informativas (HAMBLIN, 1973; GROENENDIJK; STOKHOF, 1984; ROTH, 1985), resposta com foco e tópico contrastivo (BÜRING, 2003) são intermediárias, e respostas com sintagmas quantificados são menos informativas, pois há mais alternativas do conjunto que não são avaliadas no contexto. O falante vai optar pelo tipo de resposta mais adequada, considerando sua obediência ao Princípio Cooperativo e às máximas conversacionais (GRICE, 1975).

**PALAVRAS-CHAVE:** semântica de perguntas; respostas parciais; implicatura.

**ABSTRACT:** This paper investigates the semantic and pragmatic phenomena in Brazilian Portuguese (BP) dialogues with a yes/no questions and partial answers. In this answer type, the speaker brings less information than requested by the question. The research aimed to carry out a theoretical investigation, from the dialogs created by the author to identify the semantic and pragmatic phenomena: entailment, presupposition, implicature. From this point, we observe that the partial answer involves a specific type of implicature: generalized conversational implicature (GRICE, 1975). Moreover, we can affirm that the answers establish a scale relation (HORN, 1972, 2004), in which the complete answers present a more informative alternative set (HAMBLIN, 1973; GROENENDIJK; STOKHOF, 1984); ROTH, 1985). Focus answers and contrastive

### COMO CITAR

SILVA, Fernanda Rosa. Respostas parciais no português brasileiro: inferências lógicas e contextuais. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, e1847, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1847>



topic answers (BÜRING, 2003) are intermediaries. Answers with quantified phrases are less informative. There are more alternatives of set that are not evaluated in context. The speaker chooses the type of answer in accord with the Cooperative Principle and the conversational maxims (GRICE, 1975).

**KEYWORDS:** semantic of questions; partial answers; implicature.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal analisar os fenômenos semântico-pragmáticos que ocorrem em diálogos do Português Brasileiro, doravante PB, com perguntas sim/não, cuja resposta seja considerada parcial. Uma resposta parcial, segundo Groenendijk e Stokhof (1984), consiste em dar informações sobre pelo menos um dos indivíduos disponíveis no contexto, deixando as informações sobre os demais em aberto. No exemplo a seguir, a resposta é parcial, pois traz informações sobre o João e deixa em aberto se os demais indivíduos no conjunto tiraram 10:

1. A: Quais alunos tiraram 10 na prova?  
B: O João tirou, os demais eu não sei.

Neste caso, o falante em B deixa evidente que traz apenas informações sobre o João. Sobre os demais alunos, ele não tem informação. A pergunta que motiva a presente pesquisa é - Quais tipos de inferências lógicas ou contextuais são geradas por esse tipo de resposta: pressuposição, implicatura, exaustividade, acarretamento, entre outros? Além disso, um dos objetivos deste trabalho é propor uma explicação lógico-contextual, com uso do aparato metalinguístico lógico-matemático, que contemple os dois níveis da língua responsáveis pela descrição do significado: a semântica e a pragmática.

Nossa pesquisa busca fazer uma análise formal de diálogos cujas respostas sejam consideradas parciais, a partir da descrição detalhada de cada um deles. A pesquisa está embasada na área da Semântica Formal (FREGE, 1892; PARTEE, 1973; CHIERQUIA & MCCONNELL-GINET, 1996; HEIM & KRATZER, 1998, entre outros), que busca explicar o significado de expressões linguísticas, utilizando-se da metalinguagem lógico-matemática; e da Pragmática Formal (GRICE, 1975; LEVINSON, 1983; GAZDAR, 1979, etc.), que visa explicar, de forma sistematizada e lógica, as interferências contextuais na interpretação do significado.

Esta pesquisa é relevante, tendo em vista que contribuirá com a descrição de fenômenos do português brasileiro que estão na interface entre os dois campos do significado: semântica e pragmática. Além disso, este trabalho está ancorado em uma perspectiva formal, que busca ferramentas lógico-matemáticas para a explicação das questões aqui apontadas. Os resultados contribuirão com os estudos formais do significado.

Para o desenvolvimento do trabalho, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) criar contextos com diálogos compostos de respostas parciais com pergunta sim/não e

respostas com nomes próprios e sintagmas indefinidos;<sup>1</sup> (ii) analisar em quais contextos essas respostas são adequadas ou congruentes e em quais não são; (iii) descrever detalhadamente as inferências desencadeadas a partir de testes semânticos e pragmáticos; (iv) propor uma generalização para estes tipos de diálogo, considerando os níveis semântico e pragmático.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, serão apresentadas as principais propostas teóricas para a semântica de perguntas, o conceito de resposta parcial, em contraposição à resposta completa, conceitos de foco e tópico contrastivo. Esses servirão de base para o desenvolvimento da pesquisa. Na seção 3, será feita uma descrição detalhada de cada um dos diálogos a serem analisados, além de uma análise formal, considerando as inferências lógicas e contextuais que envolvem tais diálogos. Por fim, em 4, serão apresentados os resultados e as conclusões do estudo.

## 2 A DINÂMICA DE PERGUNTAS E RESPOSTAS

Para a discussão dos diálogos que apresentam resposta parcial em PB, tomamos como ponto de partida algumas propostas teóricas da interface entre a semântica e a pragmática que exploram a dinâmica conversacional. A seguir, apresentamos uma proposta formal para a Semântica de Perguntas, desenvolvida por Hamblin (1973). Logo em seguida, discutiremos a proposta de Groenendijk e Stokhof (1984), para as respostas parciais.

### 2.1 A Semântica de Perguntas

A primeira proposta formal para o tratamento de sentenças interrogativas foi desenvolvida por Hamblin (1973). De acordo com o autor, uma sentença interrogativa, diferentemente da declarativa, não possui valor de verdade, ou seja, não há como avaliá-la como verdadeira ou falsa.<sup>2</sup>

Uma sentença interrogativa, segundo Hamblin, denota um conjunto de alternativas que representam possíveis respostas para essa. Para uma pergunta sim/não, na qual há apenas duas possibilidades de resposta, a sua representação semântica é um conjunto de alternativas formado por duas proposições.<sup>3</sup>

#### 2. O João tirou 10 na prova?<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> A opção de criação de diálogos cujas respostas apresentem sintagmas indefinidos ou nomes próprios foi para delimitar os dados da pesquisa com estes tipos de sintagmas e comparar se nomes próprios e sintagmas indefinidos, sintagmas nominais que possuem naturezas semânticas diferentes, influenciam na dinâmica conversacional.

<sup>2</sup> Para saber mais sobre semântica das condições de verdade, consulte: FERREIRA, 2019; OLIVEIRA, 2001; QUADROS-GOMES & SANCHES-MENDES, 2018.

<sup>3</sup> Para mais detalhes das características de uma pergunta sim/não, consultar BORGES-NETO, 2007.

<sup>4</sup> Uma resposta para a pergunta sim/não pode ser afirmativa ou negativa. Ainda, o falante pode responder “não sei”. Neste caso, ele deixa em aberto as duas alternativas e declara que não tem informações suficiente para responder ao perguntado.

A pergunta acima, de acordo com a proposta de Hamblin, tem em sua representação formal um conjunto de duas proposições alternativas, uma afirmativa e outra negativa: {O João tirou 10 na prova; o João não tirou 10 na prova}.

Outro conceito importante que envolve a semântica das perguntas é o de congruência, visto que está diretamente relacionado à adequação entre a semântica da pergunta e a resposta (ROOTH, 1985, 1995; ROBERTS, 1996; BÜRING, 2003, 2014). Uma resposta é congruente com uma questão se o valor semântico da resposta pertence ao conjunto de alternativas dados pela pergunta. Em outras palavras, a resposta será congruente se representar uma das alternativas desencadeadas pela pergunta. Para a pergunta em (2), repetida abaixo por conveniência, uma resposta como (3)B é congruente, porque é uma alternativa pertencente ao conjunto de alternativas representado em (4), mais precisamente a alternativa afirmativa:

3. A: João tirou 10 na prova?  
B: Sim, (João tirou 10 na prova)<sup>5</sup>.
4. [[João tirou 10 na prova?]] = {João tirou 10 na prova, João não tirou 10 na prova}.

É importante destacar que a proposta formal para a semântica das perguntas e a noção de congruência serão essenciais para analisarmos os diálogos criados, já que somente assim conseguiremos compreender as relações lógicas que são estabelecidas entre as perguntas explicitadas no contexto e as respostas parciais.

## 2.2 Respostas parciais

Os conceitos de resposta parcial e completa foram introduzidos por Karttunen (1977). Para o autor, cada asserção verdadeira é uma resposta parcial, enquanto a conjunção de todas as asserções (ou respostas parciais) representam uma resposta completa para a pergunta dada no contexto. Nos diálogos abaixo, apresentamos um exemplo de resposta parcial (5) e um de resposta completa (6):

5. A: O João e a Maria tiraram 10 na prova?  
B: O João tirou (10 na prova).
6. A: O João e a Maria tiraram 10 na prova?  
B: O João e a Maria tiraram (10 na prova).

Para o autor, (5)B é parcial porque avalia como verdadeira apenas uma alternativa do conjunto, a relacionada ao João. A resposta (6)B, por sua vez, é completa, pois avalia como verdadeira todas as alternativas do conjunto. A proposta de Karttunen, no entanto, apresenta um problema no que diz respeito à resposta parcial, em (5)B. A resposta “O João tirou 10 na prova” parece desencadear uma noção de exaustividade.<sup>6</sup> Para ser exaustiva, a resposta deve apresentar uma avaliação de verdadeira ou falsa para cada um dos elementos do conjunto inserido no contexto. E no diálogo em (5), a primeira interpretação é de que apenas o João

---

<sup>5</sup> A alternativa ‘O João tirou 10 na prova’ está entre parênteses na resposta porque há uma intuição de que o falante pronuncia apenas o sintagma afirmativo ‘sim’ ou o negativo ‘não’.

<sup>6</sup> Para mais informações sobre o conceito de exaustividade, consultar HORN, 1981; ROBERTS, 2010; PAVLOU, 2015; MENUZZI, 2012; ROSA-SILVA, 2017.

tirou 10 e ninguém mais. Infere-se que Maria não tenha tirado 10 na prova. Desta maneira, pode-se concluir que essa é uma resposta completa, com asserção verdadeira para João e falsa para Maria.

Levando em consideração a exaustividade que envolve respostas como (5)B, Groenendijk & Stokhof (1984) buscam apresentar uma solução para o problema apontado. Para os autores, resposta parcial consiste em uma proposição que envolve avaliação de verdadeiro ou falso para pelo menos uma alternativa do conjunto de alternativas. Ainda, pelo menos uma das demais alternativas não recebe avaliação e isso é identificado pelo contexto. Para a pergunta a seguir, em (7)B, podemos ter respostas parciais como as abaixo:

7. A: O João e a Maria tiraram 10 na prova?  
B: O João tirou (10 na prova). A Maria, eu não sei.<sup>7</sup>  
B': A Maria não tirou (10 na prova). O João eu não sei.

Os dois exemplos acima são de resposta parcial, uma vez que pelo menos uma das alternativas fica em aberto e isso é dado no contexto. Em (7)B, a proposição avaliada é a que diz respeito a 'João'. A alternativa sobre a Maria não recebe avaliação e isso é explicitado. Já em (7)B', temos uma avaliação para a proposição relacionada a 'Maria' e não temos para 'João'. Em relação à resposta completa, os autores definem que essa representa uma proposição que contextualmente envolve avaliação para cada elemento do conjunto de alternativas.

8. A: O João e a Maria tiraram 10 na prova?  
B: Só o João tirou 10 na prova.  
B': Ninguém tirou 10 na prova.

As duas respostas são consideradas respostas completas, pois apresentam avaliação para todas as alternativas disponíveis. Em (8)B, a partícula 'só' indica que apenas a proposição que diz respeito ao indivíduo 'João' é verdadeira. A proposição relacionada a Maria é avaliada como falsa. Já em (8)B', o quantificador 'ninguém' aponta que as proposições para os indivíduos destacados pela pergunta são falsas.<sup>8</sup>

As respostas apresentadas nos diálogos acima são respostas exaustivas à pergunta, já que apresentam avaliação para todas as alternativas. O conceito de exaustividade distingue uma resposta completa de uma parcial. Retomamos abaixo, por conveniência, o diálogo que seria um exemplo de resposta parcial para Karttunen (1977).

9. A: O João e a Maria tiraram 10 na prova?  
B: O João tirou 10 na prova.

---

<sup>7</sup> O sintagma adverbial 'na prova' está em parênteses para apontar que este pode ser omitido, já que é uma informação já disponível no discurso, inserida pela pergunta. Consideramos que uma resposta com a omissão do adjunto seja mais natural.

<sup>8</sup> Para mais informações sobre as operações semântica do operador 'só', consultar ROSA-SILVA & SANCHEZ-MENDES, 2019. Para mais informações sobre o correspondente em inglês, *only*, consultar BEAVER & CLARK, 2003 e CHIERCHIA et al., 2012.

Em (9)B, por não haver declaração explícita das demais alternativas, há uma interpretação de que somente “o João tirou 10 na prova”. A partir dessa interpretação, pode-se afirmar que todas as proposições do conjunto inserido foram avaliadas: a correspondente ao ‘João’ como verdadeira e a relacionada à Maria como falsa. Essa interpretação fica mais evidente se o constituinte ‘o João’ receber um acento de curvatura descendente, típico de foco (cf. Pierrehumbert & Hirschberg (1990), para o inglês, e Ilari (1992); Cagliari (1980), para o PB). A resposta é considerada exaustiva e, conseqüentemente, completa. Por outro lado, se ‘o João’ receber a marcação de curvatura ascendente, típica de tópico contrastivo (BÜRING, 2003; ROSA-SILVA, 2017), a resposta é parcial. Tópico contrastivo, segundo Buring (2003), apresenta essa característica prosódica e realiza uma operação sobre o conjunto disponível no discurso, em que há informações sobre um indivíduo ou parte do conjunto e os demais ficam sem informação. Tomando o exemplo acima, podemos representá-lo com marcação de foco, em caixa alta, ou tópico contrastivo, em itálico:

10. A: O João e a Maria tiraram 10 na prova?  
 B: O JOÃO<sub>F</sub> tirou (10 na prova).
11. A: O João e a Maria tiraram 10 na prova?  
 B: O *João*<sub>TC</sub> tirou 10 na prova.

Nos exemplos acima, em (10)B, a marcação de foco indica uma leitura exaustiva, em que o João e ninguém mais tirou 10 na prova. Trata-se, portanto, de uma resposta completa. Já em (11)B, com uma marcação de tópico contrastivo, a leitura é de que B tenha informações sobre o João, mas não tem informações sobre a Maria. Ou seja, uma resposta parcial. Com esses exemplos, podemos destacar a importância da noção de exaustividade e das marcações de foco e tópico contrastivo na distinção entre resposta parcial e resposta completa.

### 3 RESPOSTAS PARCIAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE FORMAL

Esta seção é reservada para discutir alguns dos dados que são objetos de investigação da presente pesquisa, considerando todo o suporte teórico aqui exposto. Serão apresentados diálogos, criados pela autora, com pergunta sim/não, cujas respostas variam entre conter nomes próprios ou sintagmas indefinidos. Optamos por esses dois tipos de sintagmas nominais para fazer um recorte nos dados a serem investigados e para analisar se, por serem de natureza semântica distintas, apresentam inferências diferentes.

#### 3.1 Nome próprio

No diálogo a seguir, temos um exemplo de resposta completa em (12)B, uma vez que todas as alternativas do conjunto de alternativas dado pela pergunta (representado em (13)), são avaliadas:

12. A: A Maria e o João tiraram 10 na prova?  
 B: Tiraram (10 na prova).
13. [[A Maria e o João tiraram 10 na prova?]] = {A Maria e o João tiraram 10 na prova, A Maria e o João não tiraram 10 na prova}.

A resposta faz parte do conjunto de alternativas inserido pela pergunta. Portanto, trata-se de uma resposta congruente. E ao responder afirmativamente para uma das alternativas, 'João e Maria tiraram 10 na prova.' o falante automaticamente responde negativamente para a outra 'João e Maria não tiraram 10 na prova.'. Isso indica uma resposta completa (GROENENDIJK; STOKHOF, 1984)) para a pergunta explicitada, tendo em vista que todas as alternativas do conjunto foram avaliadas. Entretanto, sabemos que essas duas alternativas não são as únicas possíveis para responder à pergunta. Observe o diálogo a seguir, em (14). A resposta em B é uma resposta pragmaticamente possível para A, porém não representa, semanticamente, uma resposta completa.

**14.** A: A Maria e o João tiraram 10 na prova?

B: A Maria tirou (10 na prova).

A resposta acima só traz informações sobre um dos indivíduos inseridos pela pergunta, 'a Maria'. Ou seja, não dá para avaliar como verdadeira ou falsa nenhuma das alternativas dadas por (13). Desta maneira, propomos que o conjunto de alternativas para uma pergunta sim/não como a acima apresente alternativas para cada um dos indivíduos apresentados:

**15.** [[A Maria e o João tiraram 10 na prova?]] = {A Maria tirou 10 na prova, A Maria não tirou 10 na prova, O João tirou 10 na prova, o João não tirou 10 na prova}.

Assumindo a formalização acima para a pergunta em (14), podemos considerar que a resposta pode ter duas interpretações, a depender da entonação utilizada pelo falante B. Se a entonação recaída sobre o constituinte 'a Maria' for de foco, de acento descendente, a interpretação é de que a Maria tirou 10 e o João não tirou 10. Por outro lado, uma entonação de tópico contrastivo sobre 'a Maria', de curvatura ascendente (BÜRING, 2003), desencadeia uma interpretação de que é certo que a Maria tirou 10, mas não dá para afirmar que o João tenha tirado 10 na prova ou uma nota inferior. Podemos dizer que a primeira resposta, com entonação de foco é completa, pois avalia como verdadeira ou falsa cada uma das alternativas dadas pelo conjunto em (15). Por outro lado, a resposta com marcação de tópico contrastivo é parcial, pois avalia somente as alternativas que dizem respeito à Maria, deixando em aberto as alternativas sobre o João.

A resposta parcial parece estabelecer uma relação de escala (HORN, 1972; 2004) entre as alternativas, em que no topo da escala esteja uma resposta completa, na qual todas as alternativas são avaliadas como verdadeira ou falsa. E no nível abaixo da escala está uma resposta parcial, em que nem todas as alternativas são avaliadas. Essa relação de escala indica uma similaridade com expressões da língua que desencadeiam implicaturas escalares (GAZDAR, 1979; HORN, 1972; 2004). Um exemplo de implicatura escalar pode ser visto a seguir.

**16.** A: Quem tirou 10 na prova?

B: Alguns alunos tiraram 10 na prova.

Na resposta em (16)B, o falante faz uso do sintagma quantificado 'Alguns alunos'. A interpretação é de que 'nem todos os alunos tiraram 10 na prova'. Essa inferência é pragmática, desencadeada por uma implicatura escalar, uma vez que pode ser cancelada no contexto, como o a seguir.



**17.** A: Quem tirou 10 na prova?

B: Acho que alguns alunos tiraram 10 na prova, na verdade podem ser todos.

Na resposta acima, a inferência de que nem todos os alunos tiraram 10 na prova, gerada pelo sintagma quantificado ‘alguns’, é cancelada sem gerar uma contradição. Não gerar uma contradição indica que a inferência acima trata-se de uma implicatura (GRICE, 1975; PIRES DE OLIVEIRA; BASSO, 2014) e não uma inferência lógica, como acarretamento. Mais do que isso, trata-se de uma implicatura conversacional generalizada, desencadeada pela expressão linguística ‘alguns alunos.’<sup>9</sup> Ainda, segundo Horn, esse tipo de implicatura é escalar, tendo em vista que as expressões linguísticas estão relacionadas a partir de uma escala, da menos informativa, ou mais fraca, para a mais informativa, ou mais forte.

No exemplo acima, o quantificador ‘alguns’ apresenta uma escala com o quantificador ‘todos’, elemento mais forte e mais informativo da escala. Desta maneira, Horn (1972; 2004) estabelece a seguinte relação lógica entre as expressões quantificadas:

**18.** ‘Todos’ acarreta ‘alguns’.

‘Alguns’ implica que é falso que ‘todos’.

Segundo Horn, nas implicaturas escalares, o elemento mais informativo sempre acarreta o elemento menos informativo. Por outro lado, o elemento menos informativo dispara uma implicatura de negação para o elemento mais forte da escala. Se ‘todos’ acarreta ‘alguns’, quando o falante declara (17)B, ele está negando que “Todos os alunos tiraram 10 na prova”. A opção pela expressão menos informativa pode ser explicada por dois motivos:

**19.** A: O falante não sabe se todos os alunos tiraram 10 na prova.

$\neg$  F sabe que P.

B: O falante sabe que não foram todos os alunos tiraram 10 na prova.

F sabe que não P.

No caso da explicação em A, o falante está cumprindo com a máxima de qualidade de Grice (1975), que afirma que todo falante cooperativo não traz informações das quais ele não tenha evidência. E a explicação em B indica que o falante esteja cumprindo com a máxima de quantidade, em que o falante procura trazer a quantidade de informações necessárias para o processo conversacional.

Voltando ao diálogo que é objeto de nosso estudo, podemos considerar que o conjunto de alternativas de resposta também representa uma relação de escala, em que o conjunto representado pela resposta completa é o elemento mais forte e mais informativo da escala. Uma resposta completa acarreta uma resposta parcial, mas não o contrário. E o conjunto de

---

<sup>9</sup> De acordo com Grice (1975), todo falante é cooperativo e cumpre com o Princípio de Cooperação e com quatro máximas conversacionais: de quantidade, de qualidade, de relevância e de maneira. Quando uma dessas máximas não é cumprida em um nível superficial da conversação, ela está sendo obedecida em um nível mais profundo. Esse não cumprimento superficial de alguma máxima gera o que Grice chama de implicaturas conversacionais. Essas podem ser particularizadas, quando o contexto específico gera a implicatura, ou generalizadas, quando a implicatura é desencadeada por uma expressão linguística.



alternativas que não avalia todos os itens da escala é considerado menos informativo. No exemplo dado, então a escala seria a seguinte:

**20. Mais informativo:** Todas as alternativas do conjunto de alternativas dado em (15) são avaliadas.

**Menos informativo:** Pelo menos uma alternativa do conjunto de alternativas dado em (15) é avaliada. As demais ficam em aberto.

Considerando a teoria de Grice sobre o Princípio Cooperativo e a proposta de implicaturas escalares dada por Horn, podemos dizer que o falante dá uma resposta menos informativa por um dos dois motivos:

**21. A:** O falante sabe que é falso que o João tirou 10 na prova.

**B:** O falante não sabe se o João tirou 10 na prova.

Na primeira opção, o falante tem certeza de que o João não tirou 10 na prova. Já na segunda, há uma implicatura de ignorância, em que o falante não tem certeza se o João tirou 10 ou não. Podemos dizer que a primeira opção está relacionada à resposta realizada com uma entonação de foco e a segunda tem mais relação com a marcação de tópico contrastivo. Exploraremos essas propostas daqui em diante. Vejamos o caso de marcação de foco, em que o falante responde explicitamente sobre a 'Maria' e implicitamente sobre o 'João'.

**22. A:** A Maria e o João tiraram 10 na prova?

**B:** A MARIA<sub>F</sub> tirou (10 na prova).

Nessa resposta, o falante opta por um conjunto de alternativas mais informativo na escala. Porém, nesse caso, a informação sobre a Maria é explícita e sobre o João é implícita. Ou seja, a afirmação de que o João não tirou 10 na prova é gerada a partir de uma inferência. Desta maneira, a resposta é mais fraca na escala, comparando-se com uma resposta dada explicitamente, tanto para Maria quanto para João. Voltando ao conjunto de alternativas dado em (15), todas são avaliadas, mas parte explicitamente e parte implicitamente. Há uma inferência de que a alternativa abaixo seja verdadeira.

**23. O João não tirou 10 na prova.**

Vamos fazer alguns testes para verificar se essa inferência é um acarretamento, pressuposição ou implicatura. Começamos pelo teste do acarretamento. Considerando que acarretamento é uma relação lógica, eminentemente semântica, que não pode ser negada, vejamos se é possível negar a asserção em (23).

**24. A:** A Maria e o João tiraram 10 na prova?

**B:** A MARIA<sub>F</sub> tirou (10 na prova) e o João também.

É possível cancelar a inferência gerada pela sentença em (22)B, representada em (23). Desta maneira, não é possível afirmar que a inferência seja um acarretamento lógico. Também não dá para afirmar que a asserção em (23) seja uma pressuposição, uma vez que não é uma pré-condição para que a sentença em (22)B seja verdadeira (STRAWSON, 1952). Resta-nos assumir que a inferência gerada seja uma implicatura conversacional, que pode ser cancelada pelo contexto. Nossa questão, daqui em diante é: se trata-se de uma implicatura conversacional

generalizada, desencadeada pela marcação de foco, ou particularizada, exclusiva do contexto dado por (22).

Nossa defesa é que seja uma implicatura conversacional generalizada porque essa implicatura é marcada pela entonação específica de foco. Ou seja, o elemento linguístico que desencadeia a implicatura é a marcação entonacional de foco. Além disso, trata-se de uma implicatura escalar, uma vez que o conjunto de alternativas gerado pela pergunta em (22)A pode ser ordenado a partir de uma escala, desde a resposta menos informativa até a resposta mais informativa. Quando há uma entonação de foco recaída sobre o indivíduo, a resposta é mais informativa do que a sem entonação de foco, mas ainda assim é menos informativa do que a resposta que explicita as asserções para os dois indivíduos em questão:

**25.** A: A Maria e o João tiraram 10 na prova?

B: A Maria tirou 10, o João não.

No diálogo acima, a asserção explicitada é a mais informativa. E a asserção de que 'João não tirou 10 na prova' trata-se claramente de um acarretamento, que não pode ser cancelado no contexto, o que geraria uma contradição:

**26.** A: A Maria e o João tiraram 10 na prova?

B: A Maria tirou 10, o João não. #Porém não é verdade que o João não tirou 10 na prova.

Se a marcação for de tópico contrastivo não há uma inferência de que o João não tenha tirado 10 na prova e sim de que o falante não sabe se ele tirou ou não. Nesse caso, a implicatura não é a mesma desencadeada por (22)B, mas uma implicatura de ignorância, em que o falante não tem certeza se João tirou ou não 10, cumprindo assim, com a máxima de qualidade de Grice, que diz que o falante cooperativo só traz informações que ele tem evidência.

**27.** A: A Maria e o João tiraram 10 na prova?

B: A *Maria*<sub>TC</sub> tirou (10 na prova).

Essa intuição, por ser uma implicatura conversacional e altamente dependente do contexto, pode ser facilmente cancelada.

**28.** A: A Maria e o João tiraram 10 na prova?

B: A *Maria*<sub>TC</sub> tirou (10 na prova). O João pode até ter tirado, mas eu não sei te dizer.

A resposta com tópico contrastivo também apresenta uma implicatura conversacional generalizada. Porém, é menos informativa do que a resposta com foco sobre 'Maria', já que nem implicitamente há asserção de que o 'João não tirou 10'. Portanto, está em um nível mais baixo da escala de asserções. Mais uma vez consideramos a implicatura como conversacional generalizada, desencadeada pela marcação de tópico contrastivo.

**29. Mais informativo:** *resposta explícita* – todas as alternativas são avaliadas como verdadeiras ou falsas.

**Intermediário:** *resposta com marcação de foco* – todas as alternativas são avaliadas como verdadeiras ou falsas, mas parte é assertada e parte é implicada.

**Menos informativo:** *resposta com marcação de tópico contrastivo* – nem todas as alternativas são avaliadas.

Nesta seção, em que foi analisado um diálogo de pergunta sim/não, com resposta parcial contendo nomes próprios, seja ela com marcação de foco ou com marcação de tópico contrastivo, pôde-se observar que o conjunto de alternativas estabelece uma relação de escala, em que respostas que avaliam explicitamente cada uma das alternativas são mais informativas e as que avaliam implicitamente são menos informativas. Além disso, entre as respostas menos informativas, a com marcação de foco traz mais informações do que a com marcação de tópico contrastivo, uma vez que a marcação de foco implica que o falante tem certeza de que a alternativa implícita não é verdadeira. A marcação de tópico contrastivo, por outro lado, implica que o falante não tem certeza de que a alternativa implícita seja verdadeira, o que a faz estar em um nível mais baixo da escala de conjuntos de alternativas.

### 3.2 Sintagma quantificado indefinido

Na seção anterior, analisamos respostas parciais para perguntas sim/não que continham nomes próprios. Na presente seção, investigaremos respostas para a pergunta como (30)B, em que há um sintagma quantificado indefinido como ‘alguém’, a fim de comparar se as inferências desencadeadas são distintas.

**30.** A: A Maria e o João tiraram 10 na prova?

B: Alguém tirou 10 na prova.

A resposta acima também é considerada parcial, pois o falante não dá informações sobre os indivíduos inseridos pela pergunta. As informações tanto sobre ‘a Maria’ quanto sobre ‘o João’ ficam em aberto. Há uma pressuposição de que existe alguém que tenha tirado 10 na prova, mas pela resposta não é possível saber de quem se trata, nem mesmo que seja a Maria ou o João. Aliás, intuitivamente, a tendência parece ser interpretar que não seja nem o João nem a Maria que tenha tirado 10 na prova. Ou pelo menos que o falante não tenha certeza de que o João ou a Maria tenha tirado 10 na prova. Além disso, há uma implicatura escalar de que alguém, mas não todos tiraram 10 na prova.

Nossa escala de respostas mais informativas e menos informativas, então, pode ser acrescida de uma resposta como (30)B, em que a resposta é menos informativa ainda do que quando há um indivíduo com marcação de foco ou tópico contrastivo, uma vez que não é possível tomar como verdadeira nenhuma das alternativas inseridas pela pergunta.

**31. Mais informativo:** *resposta explícita* – todas as alternativas são avaliadas como verdadeira ou falsa.

**Intermediário 1:** *resposta com marcação de foco* – todas as alternativas são avaliadas como verdadeira ou falsa, mas parte é assertada e parte é implicada.

**Intermediário 2:** *resposta com marcação de tópico contrastivo* – nem todas as alternativas são avaliadas.

**Menos informativo:** *resposta com sintagma quantificado indefinido* – todas as alternativas ficam sem avaliação.

É interessante perceber que não é comum atribuir marcações distintas de foco e tópico contrastivo para o sintagma quantificado ‘alguém’. Isso porque o significado de alguém já traz em si a implicatura de desconhecimento por parte do falante, que é desencadeada pelo tópico contrastivo em outras expressões linguísticas, como nome próprio.

**32.** A: A Maria e o João tiraram 10 na prova?

B: ALGUÉM<sub>F</sub> tirou 10 na prova.

**33.** A: A Maria e o João tiraram 10 na prova?

B: *Alguém*<sub>TC</sub> tirou 10 na prova.

Podemos organizar a escala da seguinte forma, relacionada ao tipo de resposta, em (34), à inferência lógico-contextual envolvida, em (35), ou em relação ao conjunto de alternativas dado pela pergunta, em (36):

**34.** Resposta explícita > resposta com foco > resposta com tópico contrastivo > resposta com sintagma indefinido.

**35.** Asserção > implicatura: o falante sabe que não P > implicatura: o falante não sabe que P.

**36.** Todas as alternativas são avaliadas explicitamente > todas as alternativas são avaliadas, mas nem todas explicitamente > algumas alternativas não são avaliadas > nenhuma alternativa é avaliada.

Nesta seção, incluímos em nossa escala mais um conjunto de alternativas, esse menos informativo, que gera implicatura de ignorância do falante. Esse conjunto é o menos informativo, tendo em vista que não é possível avaliar nenhuma das alternativas relacionadas aos indivíduos disponíveis no contexto: ‘Maria’ e ‘João’.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, que teve como objetivo investigar diálogos do PB criados pela autora, com perguntas sim/não, cujas respostas sejam parciais, demonstrou que este tipo de resposta está relacionado a uma relação de conjuntos de alternativas, ordenados a partir de uma escala, desde o conjunto mais informativo, em que todas as alternativas são avaliadas explicitamente, até o conjunto menos informativo, em que nenhuma alternativa é avaliada, nem explícita, nem implicitamente.

Podemos estabelecer, então, uma relação escalar desde a resposta explícita, mais informativa, que acarreta as demais alternativas. Passamos por foco contrastivo, que representa um conjunto intermediário, no qual parte das alternativas são avaliadas explicitamente, e parte por implicatura. Nesse caso, a implicatura é que: o falante sabe que não P. Outro conjunto intermediário, um pouco menos informativo do que a resposta com foco, é a resposta com tópico contrastivo, em que há uma implicatura de ignorância por parte do falante: o falante não sabe se P. Por fim, o conjunto de alternativas menos informativo é aquele formado pelo sintagma indefinido ‘alguém’, em que não é possível avaliar nenhuma das alternativas.

Desta maneira, apresentamos uma explicação lógico-contextual para cada uma das respostas possíveis. Se o falante explicita sua resposta, há uma asserção lógica, que não pode ser cancelada, um acarretamento. Se o falante implica uma das alternativas, quando usa da

estratégia de marcação de foco, indica que ele sabe que P, e quando faz a estratégia de tópico contrastivo, indica que ele não sabe que P. Essas últimas representam implicaturas conversacionais generalizadas, geradas a partir da marcação entonacional peculiar para cada uma. Assim, uma resposta mais informativa é mais lógica e envolve asserções explícitas, enquanto uma resposta menos informativa apresenta um maior número de implicaturas conversacionais e representa um menor nível de conhecimento do falante.

## REFERÊNCIAS

- BEAVER, David; CLARK, Brady. "Always" and "Only": Why not all Focus Sensitive Operators are Alike. *Natural Language Semantics*, v. 11, n. 4, p. 323-362, 2003.
- BORGES NETO, J. *A semântica das perguntas*. 2007. (Texto apresentado em simpósio durante o LV Seminário do GEL - Franca/SP, julho de 2007).
- BÜRING, D. Contrastive Topic. In: FERY, Caroline; SHIN Ishihara (ed.). *Handbook of Information Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 64-85.
- BÜRING, D. On D-trees, beans, and B-accent. *Linguistics & Philosophy*, v. 26, n. 5, p. 511-545, 2003.
- CAGLIARI, L. Entoação do Português Brasileiro. In: *Estudos Linguísticos 3*. Araraquara: UNESP, 1980. p. 308-329.
- CHIERQUIA, G.; MCCONNELL-GINET, S. *Meaning and grammar: An introduction to semantics*. Cambridge: MIT Press, 1996.
- CHIERCHIA, G.; DANNY, F.; BENJAMIN, S. Scalar implicature as a grammatical phenomenon. In: PORTNER, P.; MAIENBORN, P.; VON HEUSINGER, P. (ed.). *Semantics: An international handbook of natural language meaning*. Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 2297-2332, v. 3.
- FERREIRA, M. *Curso de Semântica Formal* (Textbooks in Language Sciences 6). Berlin: Language Sciences Press, 2019.
- FREGE, G. "Über Sinn und Bedeutung." *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, p. 22-50, 1892.
- GAZDAR, G. *Pragmatics: Implicature, Presupposition and Logical Form*. New York: Academic Press, 1979.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (ed.). *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58, v. 3.
- GROENENDIJK, J.; STOKHOF, M. *Studies on the Semantics of Questions and the Pragmatics of Answers*. 1984. These (Doutorado) - University of Amsterdam, 1984.
- HAMBLIN, C.L. Questions in Montague English. *Foundations of Language*, v. 10, p. 41-53, 1973.
- HEIM, H.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar* (Blackwell Textbooks in Linguistics). Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1998.
- HORN, L. *On the semantic properties of logical operators in English*. 1972. (Dissertation PhD. in Linguistics) - University of California, Los Angeles, 1972.
- HORN, L. Exhaustiveness and the semantics of clefts. In: BURKE, Victoria E.; James PUSTEJOVSKY, James (ed.). *North Eastern Linguistic Society (NELS)*. Amherst: University of Massachusetts, 1981. p. 125-142, vol. 11.

- HORN, L. Implicature. In: HORN, L.; WARD, G. (ed.). *The Handbook of Pragmatics*. Oxford: Blackwell Publishing, Oxford. 2004. p. 3-28.
- ILARI, R. *A Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- KARTTUNEN, L. The syntax and semantics of questions. *Linguistics and Philosophy*, v. 1, p. 3-44, 1977.
- LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- MENUZZI, S. Algumas observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade. *Revista Letras*, Curitiba, n. 86, p. 95-121, jul./dez. 2012.
- OLIVEIRA, R. P. *Semântica Formal: uma breve introdução*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- PARTEE, B. H. Some transformational extensions of Montague grammar. *Journal of Philosophical Logic*, v. 2, p. 509-534, 1973.
- PAVLOU, N. Explicit and Implicit Exhaustivity in Focus. In: *Proceedings of the 15th Texas Linguistic Society conference*, Austin, USA, 2015.
- PIERREHUMBERT, J.; HIRSCHBERG J. The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse. In: COHEN, P.; MORGAN, J.; POLLACK M. (ed.). *Intentions in Communication*. Cambridge: MIT Press, 1990. p. 271-311.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R. *Arquitetura da Conversação: teoria das Implicaturas*. Parábola, São Paulo, 2014.
- QUADROS-GOMES, A. P.; SANCHES-MENDES, L. S. *Para conhecer: semântica*. São Paulo: Contexto, 2018.
- ROBERTS, C. Information Structure in Discourse: Towards an Integrated Formal Theory of Pragmatics. In: YOON, J. H.; KATHOL, A. (ed.). *OSU Working Papers in Linguistics 49: Papers in Semantics*, 1996. p. 91-136.
- ROBERTS, C. Topic, Focus, and Exhaustive Interpretation. In: CHUNGMIN, L. (ed.). *Proceedings of CIL 18*, Seoul, 2010.
- ROOTH, M. *Association with focus*. 1985. (Doctoral Dissertation) - Department of Linguistics, University of Massachusetts, Amherst, 1985.
- ROOTH, M. Focus. In: LAPPIN, S. (ed.). *Handbook of Contemporary Semantic Theory* London: Blackwell, 1995. p. 271-298.
- ROSA-SILVA, F. *Deslocamento de tópico e foco no português brasileiro: Uma análise semântico-pragmática*. 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- ROSA-SILVA, F.; SANCHEZ-MENDES, L. S. Cancelamento de exaustividade em sentenças focalizadas: um estudo experimental. *Revista Letras*, Curitiba, n. 99, p. 154-176, jan. /jun. 2019.
- STRAWSON, P. F. *Introduction to Logical Theory*. Londres: Methuen. 1952.